

Do que foi que você me chamou? Ou discurso, sujeito e formas de referência

Felipe Barbosa Dezerto*

Resumo: Este trabalho objetiva observar os processos de subjetivação em torno da homossexualidade nas colunas *Olho no olho*, da revista *G magazine*, de João Silvério Trevisan. Situado teoricamente na análise do discurso francesa (Pêcheux e Orlandi), busco o entendimento de como se efetuam esses processos de subjetivação e a forma como essas subjetividades se materializam nessa coluna. É, então, a observação desses processos ideológicos, que arregimentam o funcionamento linguístico e manifestam subjetividades o principal objetivo deste trabalho. As marcas linguísticas trabalhadas foram as denominações, além de expressões e sintagmas que funcionam nas formas de referência ao homossexual.

Palavras-chave: sujeito; discurso; referência; homossexualidade.

Introdução

Este trabalho pretende fazer um breve resumo do que é minha dissertação de mestrado, intitulada **Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan**, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Discuto questões que envolvem subjetividade e identificações referentes à homossexualidade brasileira. Detive-me, para efeito de análise, à coluna *Olho no olho*, assinada mensalmente por João Silvério Trevisan, na *G Magazine*. Meu objetivo foi refletir sobre os sentidos que se fazem presentes quando se fala do homossexual e para o homossexual, num espaço midiático de circulação nacional. A partir desse material e das marcas linguísticas observadas, busquei o entendimento discursivo de: 1 - que lugar ocupa o homossexual para dizer e para dizer de si; 2 - que sentidos são acionados quando se fala de homossexualidade nas colunas; 3 - que subjetividades se constituem (se atualizam) nas colunas e; 4 - que efeitos de sustentação das formas de referência nas posições discursivas se efetuam.

* Doutorando em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Professora Dr. Bethania Mariani; Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com a dissertação de mestrado intitulada **Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan**, orientada pela Professora Dr. Vanise Medeiros; Professor de francês do Colégio Pedro II. E-mail: fbdezerto@hotmail.com

Abrindo a *G Magazine*

Abrir a *G Magazine*, uma revista que tem homossexuais como público alvo, aponta, entre outras coisas, para um desvendar de algo proibido, do tabu, por uma aproximação de seu conteúdo com o que está ligado ao sexo. As colunas são textos publicados em meio a homens nus, dentro de um periódico que tem como capa não manchetes ou notícias, ou ainda reportagens, fotos sensuais que convidam a uma descoberta de corpos e da virilidade masculina.

Aponto, então, para um conflito existente em torno das questões de que trata esse trabalho. Primeiramente porque se trata da emersão midiática de uma sexualidade reservada ao espaço do privado e que passa a se realizar na esfera do público (na mídia) e, além disso, porque o que emerge já é marcado historicamente pela discriminação e do preconceito: a homossexualidade. É nessa medida que reflito sobre como funciona, em termos de processos de subjetivação, o dizer sobre o homossexual nessas colunas, isto é, observo o que permite que haja identificações entre o leitor das colunas e o que se fala dele e que sentidos aparecem nos processos de subjetivação do homossexual.

As formas de referência

Em análise do discurso o ato de denominar não é de outra ordem senão a de construção do objeto referido. Segundo Mariani (1998, p. 118), “denominar não é apenas um aspecto de caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos”. É essa referencialização, nunca fora de processos ideológicos de produção de sentidos, que chamamos de *dizer de/sobre*. Ou seja, esse ato que toma a palavra para a enunciação *sobre* acaba por constituir também o objeto sobre o qual se diz.

Pude observar, então, pelas denominações e formas de referir, que a prática sexual desses sujeitos é tão fundadora de suas identidades que se manifesta nas próprias formas denominativas destes. Partindo do termo *homossexual*, cunhado no século XIX, podemos perceber que ele surge para designar uma prática sexual, ou seja, a prática (que era chamada de sodomia) precede a própria construção identitária em torno da homossexualidade. Temos, então, uma forma de subjetividade que se inaugura pelo sexo. E essa prática continua a constituir formas denominativas para esses sujeitos na medida em que seus comportamentos sexuais se traduzem em outras formas denominativas, como *ativo*, *passivo* e *gilete*. As formas que remetem à efeminação, nos fazem pensar na maneira como é visto o homossexual pela sociedade, quando termos como *viado*, *bicha* e *biba* aparecem. Teríamos sujeitos que abrem mão do papel de dominador (ligado ao que é do homem) para se

alinhar ao que é do dominado (ligado ao papel da mulher), inclusive na prática sexual.

O trabalho com formas de referir levou a quatro grandes grupos, que foram estabelecidos em função do funcionamento nas colunas trabalhadas. São os grupos, então:

a) as formas de referir generalizantes - promovem um abarcamento das múltiplas formas de se referir ao homossexual, criando a ilusão de homogeneidade dentro da comunidade homossexual. São os termos *homossexual*, *gay* e *guei*; b) as formas de referir de sexualidade – funcionam em torno de uma identificação a uma prática sexual. Coloco nesse grupo, as denominações *bofê*, *ativo* e *gilete*; c) as formas de referir estigmatizantes – têm o potencial de colocar o homossexual num lugar pejorativo por estigmatizar a homossexualidade. O lugar interdiscursivo do preconceito e da discriminação se atualiza nessas denominações de forma a fazer da homossexualidade algo passível de julgamento de valor e de ironia. Neste terceiro grupo de formas de referir, coloco mais uma vez as denominações *bofê*, *ativo* e *gilete* (com mais de um funcionamento semântico), além do sintagma *sexualmente atraído por outro homem* e o período *espero que você pegue aids e morra logo*¹ (que pode ser desdobrado, numa relação de paráfrase em *portador do HIV*); d) as formas de referir de cidadania – termos *lutador*, *cidadão* e *festeiro* (ao qual chego por paráfrase do nome *festa*). Aqui, há uma referência ao homossexual de uma forma que se rompem as filiações de sentido que colocam a homossexualidade no lugar do estigma ou do sujeito identificado somente pelo seu sexo, apontando para algo de sentidos positivos.

Essas formas de referir analisadas não funcionam independentemente das posições discursivas que as sustentam nas colunas. Há sempre a posição-narrador num relação de aliança ou de tensão com uma outra posição que é conclamada a dizer do homossexual. Essas análises me levaram a afirmar que as alteridades sustentam sentidos negativos para falar do homossexual. É uma regularidade, sem falhas, que o outro que ganha voz para dizer do *gay* nas colunas diga algo que em lugar negativo, seja num sítio de significância que compreende a cidadania (ou a falta na luta por ela), seja pelos ecos do discurso religioso-moralista, que condena a homossexualidade.

O trabalho com as denominações e o jogo das posições discursivas levou a uma recorrência nos sentidos que sustentam e constituem a homossexualidade e o homossexual. A partir dessa recorrência e dos sítios de significância que funcionam como eixos para os sentidos que dizem do *gay*, chegamos a duas formações discursivas nessas análises: a FD **sexualidade-estigma** e a FD **cidadania gay**. As duas mantêm entre si uma relação de tensão, de disputa, no movimento de significação do sujeito homossexual. Não

¹ Trata-se oração com efeitos de construção de uma subjetividade homossexual.

se trata de formações antagônicas, pois não são sentidos que se excluem, mas de matrizes semânticas distintas onde o sexo e a construção da cidadania convivem, porque não se apagam, fazendo com que os sentidos de homossexualidade ora recaiam sobre a sexualidade, ora sobre a politização, ora sobre o sexo podendo ser politizável, num trabalho de ressignificação da FD sexualidade/estigma pela FD cidadania *gay*.

Ser *gay*, pela observação das colunas nos períodos a que nos propomos neste trabalho, aponta para formas de subjetivação que guardam o movimento dos velhos sentidos e dos deslizamentos que instauram o novo. A sexualidade que funda esses sujeitos escapa para a sexualidade que conchama cidadãos, na medida em que se deslocam sentidos e ressignificam-se sujeitos. Ser *gay* aponta para direções múltiplas onde subjetividades também acompanham essa multiplicidade de sentidos que dizem da homossexualidade brasileira.